

Centro Ecumênico de Documentação e Informação
- CEDI -
Sucursal/SP. - Av. Higienópolis, 983 - 01238

CEDI - P. I. B.
DATA 22/07/86
COD. 00-391

RELATÓRIO SOBRE AS COMUNIDADES KARIB NA ÁREA

INDIGENA DA BACIA DO RIO JARI

Lucia Hussak van Velthem

Agosto de 1980

Introdução:

O presente relatório refere-se a uma viagem realizada ao alto rio Jari, Estado do Pará, junto à comunidade indígena Waiãpi, localizada na aldeia de Molokopote.

Esta viagem objetivou um levantamento preliminar à região pelo fato dela se constituir em tradicional área de habitação e perambulação dos índios Wayana e Aparai, ambos atualmente localizados em outras regiões, no Brasil e Guiana Francesa, mas ainda utilizando a área em apreço. A região do alto rio Jari foi desde tempos imemoriais uma área de intercâmbios tanto tribais entre os Wayana habitantes do rio Paru de Leste, do rio Jari e também da Guiana Francesa; como intertribais, entre Wayana e Aparai do médio rio Jari e Wayana e Waiãpi, estes habitantes do rio Cúc.

Este levantamento preliminar ao alto rio Jari faz parte dos trabalhos iniciais necessários à alteração dos atuais limites do Parque Indígena de Tumucumaque, para que estes venham de encontro à real ocupação e utilização da região, por parte dos índios que o habitam. Um estudo propondo a formação de Grupo de Trabalho interessado na revisão, modificação e posterior demarcação dos limites do Parque Tumucumaque, foi apresentado e entregue à FUNAI em 7 de dezembro de 1979 e protocolado sob o nº 005434.

A licença da FUNAI para esta viagem à Molokopote foi concedida pela Portaria nº 699/E de 21.03.80, a partir de minha inclusão no G.T. instituído pela Portaria nº 677/E de 15.02.80. O apoio financeiro à expedição foi partilhado entre a FUNAI e o Museu Paraense Emílio Goeldi mediante entendimento verbal entre o Dr. Luiz Miguel Scaff do Museu Goeldi e os Srs Anael Lemos Gonçalves e Lamartine Ribeiro de Oliveira, da FUNAI, conforme consta no documento DIR-MPEG nº 108/80.

O roteiro de viagem foi o seguinte:

Em 23/03 - Partida de Belém, Pará, em avião comercial e chegada a Macapá, Território Federal do Amapá.

De 23/03 a 26/03 - Estadia em Macapá realizando visitas ao INCRA, Secretaria de Agricultura e Palácio do Governo.

- Diligencias visando o frete de bi-motor local e diante de sua impossibilidade, do "Islander" da FUNAI.

- Sobrevôo à região dos índios Waiãpi, visando averiguações no garimpo instalado no rio Nipuku esta ultima etapa não realizada devido o mau tempo.

- Compra de mantimentos.

Em 26/03 - Viagem de Macapá à Molokopote, com breve visita ao P.I. Amapari, no "Islander" da FUNAI.

De 26/03 a 30/03 - Estadia em Molokopote, realizando pesquisas junto ao grupo indígena local.

Em 30/03 - Sobrevôo à região dos rios Jari, Mapaoni, aos afluentes da margem esquerda do rio Jari e ao rio Cuc.

- Regresso à Belém, no avião da FUNAI, escalando no P.I. Amapari e Macapá.

A ocupação Wayana e Aparai do rio Jari

A - Histórico:

Como o histórico da região foi muito bem delineado pela antropóloga Dominique T. Gallois, em estudo intitulado "Informações sobre a área indígena do alto rio Jari" e apresentado à FUNAI em 1979, pretendo concentrar-me em referências sobre os grupos tribais Karib (Wayana e Aparai), habitantes e perambuladores deste vasto território, focalizando sobretudo os Wayana. O conhecimento da história destes grupos tribais é necessário tanto para a identificação de seu tradicional território de ocupação, como para a compreensão de sua organização social e consequente adaptação e exploração do meio-ambiente.

As mais antigas referências sobre os índios Wayana e Aparai se confundem com as primeiras expedições que, partindo da Guiana, percorreram no sentido norte-sul as bacias dos rios Litani (Itani), Maroni, Mapaoni, Jari e Paru de Leste (1)

Datam do século XVIII as primeiras notícias sobre os Wayana que habitavam a bacia do rio Jari. Existem igualmente referências sobre outros grupos indígenas localizados na região: Amikuane e Upurui (no rio Cuc); Aromagata, Kaikusiana e os Aparai (no curso médio do rio Jari). (2)

A seguir, através da apresentação cronológica dos diversos cientistas e viajantes que percorreram a bacia do rio Jari e afluentes, podemos constatar a imemoriabilidade da ocupação da área por parte dos índios Wayana e Aparai:

Em 1766, Patris e seu companheiro de viagem Claude Tony, assinalam aldeias Wayana no caminho de união dos rios Tamuri e Maroni aos rios Jari e Paru de Leste.

Em 1789, Jean Baptiste Leblond indica 24 aldeias, com uma população média de 60 pessoas, na região compreendi-

da pelos rios Tamuri e Jari.

Após estas duas expedições, os Wayana se aproximaram das tribos do Oiapoque, na ocasião dizimadas por doenças virais. Os Wayana também foram contaminados e regressaram ao Jari e ao Paru de Leste. Em seguida, perdeu-se todo o contato com esta tribo por um período de tres quartos de século, pois o acesso ao seu território era impossibilitado pelos negros refugiados Boni, estabelecidos no alto Maroni e que tinham o monopólio de trocas de bens materiais com os Wayana.

Em 1877-78, Jules Creveaux inaugura a era das missões científicas. Subiu o rio Lawa, depois o rio Litani, onde encontrou aldeias Wayana. Sua viagem prosseguiu pelo igarapé Coulé-Coulé, rio Mapaoni e rio Jari, onde visitou as aldeias ali estabelecidas, antes de descer o rio Jari até o Amazonas. No ano seguinte, subindo o rio Oiapoque e depois o rio Cuc (antigo Cuia-ri), chegou ao rio Jari e deste, passando pelo igarapé Custuné, atingiu o alto rio Paru de Leste. No mapa ilustrativo de sua viagem ele assinala 19 aldeias Wayana, embora tenha visitado outras mais. Na região do rio Jari encontramos: 3 aldeias neste rio ; 1 aldeia no igarapé Curuapi, afluente do Jari; 2 aldeias na travessia Jari-Paru, no igarapé Kustuné; 2 aldeias na travessia inferior do Jari-Paru.

Em 1888-90, Henri Coudreau percorre itinerário idêntico ao de Creveaux em território Wayana. Contudo, localiza novas aldeias no alto rio Maroni, tributário do rio Jari. Fornece outrossim, importantes informações sobre a tradição histórica e demografia dos Wayana, indicando que estes habitavam os pequenos igarapés afluentes do Jari (Yari). Informa igualmente que em seguida às disputas com os Aparai e Waiãpi, os Wayana vieram instalar-se nos rios Jari e Paru. Coudreau aponta os Wayana como sendo a tribo mais importante da Guiana Central e indica as seguintes aldeias para a região do Jari: 3 no rio Maroni; 7 no alto e médio

Jari; 1 no igarapé Curuapi, afluente do rio Jari; 1 no igarapé Ximim-Ximin, tributário do Jari; 3 no igarapé Alameapo, 2 na travessia Jari-Paru.

Em 1936-37, Schulz-Kampfenkel empreendendo viagem multidisciplinar ao rio Jari, visita uma aldeia Aparai na confluência dos rios Ipitinga e Jari e uma aldeia Wayana nas proximidades do igarapé Curuapi, afluente do alto Jari.

Em 1937-38, Brás Dias de Aguiar, chefe da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites, sob o rio Jari até suas nascentes, visitando 4 aldeias Wayana estabelecidas no alto rio Jari, entre os rios Cuc e Mapaoni. Nesta época a saúde dos Wayana era das mais precárias, atingidos por doenças bronquio-pulmonares. A aldeia de Moloko-patá é mencionada neste relatório.

Em 1940-41, Lodewijk Schmidt percorre quase todo o território dos índios Tiriyo e Wayana. Para a região do alto rio Jari, indica 2 aldeias neste rio e 2 no rio Mapaoni, totalizando 70 pessoas. Esta baixa densidade demográfica era o resultado das frequentes epidemias que assolavam a região.

Em 1936 e em 1951, Eurico Fernandes faz referências sobre diversas aldeias Wayana no alto e médio rio Jari.

Em 1955, José Maria da Gama Malcher indica em seu relatório, várias aldeias Wayana no alto rio Jari e no rio Mapaoni.

Em 1963, André Cognat visitando as comunidades Wayana-Aparai do Brasil, indica um efetivo de 61 Wayana estabelecidos em tres aldeias no rio Jari: Pacoi-coumta, Koumou-patá e Moloko-pata, além de mencionar uma série de aldeias recém-abandonadas, entre os rios Cuc e Mapaoni, e dois garimpos estabelecidos no alto rio Jari.

Em 1972, Daniel Schoepf informa que no rio Jari nenhuma aldeia Wayana era mais habitada, os últimos remanescentes tendo partido em 1971 para a Guiana Francesa.

Presentemente, uma pequena comunidade de índios Aparai ainda habita o médio rio Jari. Estão localizados na ilha Ipitinga, na confluência dos rios Ipitinga e Jari. Esta comunidade é formada por Iakuroxi e sua parentela e ao que se saiba não recebem assistência da FUNAI. Não possuem terras sequer delimitadas e parecem estar sob a influência do garimpo Kuré-Kurú, situado à jusante de sua aldeia.

De acordo com os dados apresentados acima, a ocupação da bacia do rio Jari foi contínua desde o final do século XVIII até 1971 pelos Wayana e até nossos dias pelos Aparai. As aldeias espalhavam-se por este rio e seus afluentes, formando pontos de apoio às suas viagens, visitas e transações comerciais, tornando possível desta forma, a ligação constante das diversas comunidades Wayana do Brasil e Guiana Francesa. A região do alto e médio rio Jari integra de forma incontestável o território Wayana-Aparai. Na atualidade o território Wayana estende-se para oeste até os rios Paru de Leste e seu afluente Citaré, no Brasil, e para o norte até o rio Litani, na Guiana Francesa e rio Tapanahony, no Surinam. Os Aparai encontram-se no rio Paru de Leste e no médio rio Jari.

B - Histórico recente:

O abandono deste tradicional território Wayana deveu-se a motivos relacionados com interferências externas e a contatos interétnicos negativos, como relatado a seguir:

A região do alto rio Jari permaneceu isolada até princípios do século XX, quando começou a ser penetrada por balateiros e gateiros. A partir de 1950 e nos anos subsequentes os conflitos provocados por estes invasores e os garimpos de ouro recém instalados no rio Litani, Guiana Francesa, fizeram com que uma centena de índios Wayana do rio Jari e do rio Paru de L

te se transferissem ao rio Litani. Trabalhavam temporariamente nos garimpos e recebiam em troca mercadorias, sobretudo miçangas e tecidos. Contudo, estes índios sempre voltavam às suas aldeias no rio Jari, e o constante vai-e-vem de índios do Jari ao Litani favoreceu o comércio intertribal entre esta área, os rios Faru de Leste e Citaré e o território dos índios Waiãpi. (3)

Devido ao seu isolamento e a nula assistência médica, as condições sanitárias da região tornaram-se extremamente precárias, como já haviam notado Brás Dias de Aguiar em 1938 e Lodewijk Schmidt em 1941. Estas doenças eram propagadas pelos garimpeiros que em 1963 estavam instalados no alto rio Jari nos garimpos de Tapatapamin e Kouyoumine, antigas aldeias Wayana. Novas epidemias foram trazidas por brasileiros que tinham vindo em 1969 abrir um campo de pouso da FAB em Moloko-patá, na ocasião habitada por Lipo-Lipo e seu grupo. Estes trabalhos contaram com a participação de índios Wayana, Aparai e Waiãpi e tiveram como resultado a disseminação entre toda a população indígena de doenças pulmonares e desintéria. Em seguida a este desastre, vários índios partiram para o rio Litani em busca de assistência (4).

Em 1962-63, missionários protestantes americanos, membros da organização West Indian Mission, instalaram-se no Surinam em Alalaparu no rio Kuruni e em Paloemeu e Anapaiké no rio Tapanahony. (5) Destas localidades enviaram "mensageiros" índios para atrair os Wayana e Tiriyó dos rios Paru de Leste e Jari. Estas expedições foram muito bem sucedidas, pois despovoaram o alto rio Paru e atraíram Moloko e seu grupo. Estes, em 1962, partiram para o Surinam, certamente apavorados pelas predições dos enviados que anteviam a destruição do povo Wayana. No entanto, Moloko não se adaptou à rígida disciplina e aos transtornos à vida tribal impostos pela Missão que os impedia de fumarem, beberem caxiri, de cantarem e dançarem segundo as fórmulas tradicionais, e assim, Moloko regressou ao rio Jari onde ainda subsistiam pequenas

aldeias. Finalmente, este chefe Wayana abandonou definitivamente sua aldeia no Jari, transferindo-se com quase todos os Wayana da região para o rio Litani, na Guiana Francesa (6). Este abandono definitivo foi motivado por uma série de enfermidades e uma situação insustentável de atritos com os novos invasores, os gateiros, que nesta época instalaram-se no alto rio Jari, ali atuando livremente e para os quais os índios trabalhavam em troca de míseros pagamentos. Os atritos com os gateiros se acirraram, culminando com mortes e a fuga dos últimos Wayana do rio Jari - Lipo-Lipo, Yamo, Tukano e suas famílias - que deixaram o Brasil em 1971, indo instalar-se na Guiana Francesa (7).

A área do alto rio Jari, ocupada pelos Wayana de forma contínua, com aldeamentos que se estendiam do rio Paru de Leste, no Brasil até o rio Litani, na Guiana Francesa, foi abandonada por estes índios unicamente por motivos de força maior e que se relacionam com a sua sobrevivência física: atritos com garimpeiros e posteriormente com gateiros, epidemias virulentas. O abandono do alto rio Jari dificulta o relacionamento entre grupos de parentes que vivem nos rios Paru de Leste e Litani, nos extremos do território indígena. O caminho que conduz de um ponto a outro atravessa o Jari e seus afluentes e as aldeias ali instaladas serviam como base de apoio. A comunidade Waiüpi, atualmente instalada na velha aldeia de Moloko, garante, ainda que de forma incompleta, o trânsito entre os referidos rios, perpetuando assim antigos padrões de troca e intercâmbio entre os diversos centros de ocupação tribal (8). A prova de que este caminho é ainda trilhado nos é fornecida por Djapakani e Koamim que, acompanhados de suas famílias, deixaram em 1975 o rio Paru de Leste e se dirigiram ao Litani, tendo regressado este ano ao Paru.

Foram extremamente importantes as relações intertribais na região do rio Jari, sobretudo a praticada entre os índios Wayana, estabelecidos à oeste, e os índios Waiãpi, à leste. Estas relações, estabelecidas nos últimos 100 anos, atenuou a fronteira existente entre estes territórios indígenas, fronteira esta resultante de intensas lutas travadas anteriormente. (9). As características principais destas relações eram as seguintes:

A - Relações matrimoniais:

Consistiram em uma série de intercassamentos de Wayana e Waiãpi e consequente instalação de índios Wayana e Aparai em aldeias Waiãpi e inversamente. Estas aldeias Wayana-Waiãpi localizavam-se sobretudo nos rios Cuc e Cuiari, onde "era tudo misturado", segundo Sarapó, além destas aldeias possuírem um chefe Wayana e outro Waiãpi. Como exemplo menciono uma aldeia do rio Cuiari com os chefes Wayaman (Wayana) e Cuyari (Waiãpi). Outra aldeia mista foi mencionada por volta de 1937 no igarapé Pirawiri, afluente do rio Cuc. Gallois(1979:5) indica ainda que os contatos entre os Wayana do rio Jari estendiam-se até aos Waiãpi habitantes do rio Amapari, os quais realizavam viagens até o rio Jari, onde haviam deixado parentes.

B - Relações comerciais:

As relações de trocas na região ocupada pelos Wayana iniciaram-se há pelo menos três séculos. De acordo com Hurault (1972:63) os núcleos indígenas eram ^{inter}ligados por uma rede de intercâmbio e comércio que interessava muito aos índios de um modo geral, sobretudo aos Wayana que adquiriram uma certa especialização nesta prática. Inicialmente as trocas intertribais compreendiam o intercâmbio de produtos manufaturados e outros elementos, dos quais cada tribo tinha uma especialidade como certo utensílio ou ornato ou o treinamento de cães de caça, por exemplo. Posteriormente os negros refugiados Boni, habitantes do rio Maroni na Guiana Francesa, deslocavam-se até as comunidades Wayana

estabelecidas tanto no alto rio Jari como no rio Faru de Leste e em suas aldeias trocavam tecidos, miçangas e outros objetos por cuães de caça e redes. Desta forma reservavam para si o monopólio do comércio entre os produtos da sociedade colonial da Guiana Francesa e os índios do interior.

Há um século mais ou menos, as relações entre os Wayana e Waiãpi incrementaram-se, passando as aldeias estabelecidas no rio Cuc a serem os centros de troca, para onde todos convergiam. Da mesma forma o rio Mapaoni passou a ser a importante via comercial que ligava os centros de ocupação indígena na Guiana Francesa e as diversas mercadorias lá conseguidas ^{com} as comunidades indígenas brasileiras com as quais comerciavam. Nestas transações os Wayana traziam para os Waiãpi facas, miçangas, fósforos, anzóis, machados, terçados, tecidos. Os Waiãpi forneciam arcos, redes, cachorros e pássaros.

Muito mais recentemente, as relações comerciais dos índios Wayana, alteradas pelo despovoamento da região e a intrusão de garimpeiros e gateiros, passaram também a serem exercidas com estes últimos. Cognat (1967:80-83) descreve a viagem de índios Wayana, residentes no rio Litani, ao rio Jari com o intuito de trocarem sal, munição, fósforos e pequenos objetos contra ouro em pó extraído por garimpeiros brasileiros estabelecidos em Kouyoumine, alto rio Jari.

C - Relações curativas:

Estas eram muito menos frequentes e envolviam sobretudo índios Aparai e Waiãpi. Seu desenrolar ocorria por motivo de enfermidades, e assim certos pajés Aparai, do rio Faru de Leste, eram especialmente convidados para curá-las.

D - Referências indígenas:

Além dos viajantes e cientistas que percorreram a região do alto rio Jari através dos séculos, os índios Waiãpi que presentemente habitam a antiga aldeia Moloko-patá, nos fornecem preciosas referências sobre a imemorial ocupação da área por parte dos índios Wayana: (10)

1 - A toponímia da região:

O alto curso do rio Jari, na extensão compreendida entre o rio Cuc e a cachoeira Macaé, abrange uma rede hidrográfica com 56 rios e igarapés que desaguam no Jari. A maioria dos termos indígenas que os designam é em língua Wayana, termos estes também empregados pelos índios Waiãpi.

2 - Os caminhos da região:

Diversos são os caminhos que passando pelo alto rio Jari, unem comunidades Wayana e Aparai à outras, tanto em território nacional como as do Brasil e da Guiana Francesa:

A - Ligando o rio Paru ao rio Litani:

Rio Paru de Leste, igarapé Kustuné, um trecho à pé, igarapé Aramiapó (Paruzinho), rio Jari, rio Napaoni, igarapé Coulé-Coulé, longo trecho à pé atravessando a serra de Tumucumaque, igarapé Cuarémapane, rio Litani. Este é considerado um dos mais antigos caminhos dos índios Wayana.

B - Ligando o rio Oiapoque ao rio Jari:

Rio Oiapoque, igarapé Kérindiutu, longo trajeto à pé, rio Curuapi, rio Cuc, rio Jari. (11) Este é um caminho sobretudo de índios Waiãpi.

C - Ligando o rio Jari ao rio Ipitinga e este ao médio rio Jari:

Rio Jari, igarapé Pakuá, igarapé Axixikaré trajeto à pé, um igarapé afluente do rio Ipitinga, o rio Ipitinga e finalmente o médio rio Jari.

D - Ligando o médio rio Jari ao médio rio Paru de Leste:

Rio Jari, rio Ipitinga, igarapé Arapurupano, trajeto à pé, igarapé Kokokawa, rio Paru de Leste.

3 - Núcleos residenciais, roças, cemitérios Wayana ainda perceptíveis na atualidade:

A - Aldeias e roçados:

Arakupipata, Wayaman-patá - no médio rio Cuiari.

Iriwá-patá - no médio rio Curapi.

Pyrau imã - na desembocadura do rio Curapi.

Tyriwó-patá - na desembocadura do rio Ximim-Ximim.

Moreinpê-patá - no médio rio Ximim-Ximim.

Piankotóm"ene - no rio Jari, próximo à desembocadura do rio Ximim-Ximim, mas na margem oposta.

Turupikai-patá - no rio Jari, um pouco acima da desembocadura do rio Ximim-Ximim.

Takenapté-patá - no rio Jari entre o igarapé Aramiapó e o igarapé Takiri.

Tukuxi-patá - no rio Jari, próximo à desembocadura do igarapé Urukéine.

Torõnpo-patá - no rio Jari, próximo à desembocadura do igarapé Asapainê.

B - Cemitérios:

No igarapé Pakuá.

No rio Jari na margem oposta à desembocadura do rio Curuapi.

C - Roçados Wayana ainda aproveitados :

Diversos no igarapé Aramiapó (Paruzinho).

No rio Cuiari.

A atual ocupação de Moloko-patá

Presentemente o alto rio Jari é habitado por uma pequena comunidade de índios Waiãpi, liderados por Sarapó. Estão localizados na antiga aldeia de Moloko, a Moloko-patá (patá = aldeia em língua Wayana). Devido a uma má interpretação, o local passou a ser conhecido como Molokopote, termo este que é válido para a FAB, para a FUNAI, para os mapas do RADAM e inclusive para ridículo letreiro à entrada da aldeia.

O grupo de Sarapó compreende atualmente 24 pessoas e consiste de cinco homens adultos, quatro mulheres adultas e quinze crianças. Dois filhos de Sarapó habitam Belém. Esta comunidade representa os remanescentes de um grande grupo Waiãpi que habitava o rio Cuc e seus afluentes, sendo por isso designados "Kuwakū" (pessoas do Cuc) (12). A aldeia de Sarapó estava instalada no igarapé Pirawiri, e após a partida dos habitantes das outras aldeias para a Guiana Francesa, o seu grupo não teve mais condições de permanecer no rio Cuc devido à total falta de assistência sanitária e a uma situação conflitante com os invasores da área, garimpeiros e gateiros. (13). Sua instalação definitiva em Moloko-patá deu-se por volta de 1969-1970, coincidindo com a abertura do campo de pouso da FAB. A instalação de um campo de pouso em Molokopatá fazia parte do programa geral de criação de pontos de acesso aos principais afluentes da margem esquerda do rio Amazonas, compreendendo ainda um núcleo populacional. Em Molokopatá este programa materializou-se apenas no campo de pouso com 700 ms, um alojamento e a introdução de búfalos e animais domésticos de pequeno porte. Contudo, a atuação da FAB foi decisiva para a permanência definitiva de Sarapó em Molokopatá. Contudo, Sarapó apesar de ter ascendência Aparai, é um índio Waiãpi e nesta aldeia estaria em tradicional território Wayana, intencionava, pois, regressar ao Cuc, território Waiãpi. Suas tentativas foram frus-

tradas pelos soldados da Força Aérea Brasileira. Até o presente, persiste o desejo de mudança para o rio Cuc, expresso através da contínua utilização das antigas roças ali existentes, de caçadas, pescarias e de intenções de abertura de novas roças, proximanente. Para que este regresso se concretize, o grupo de Sarapó necessita apenas de assistência contínua, que não obtiveram até o presente em Moloko-patá. Após a infausta estadia de funcionários da FAB, que deixaram atrás de si um rastro de doenças, como visto anteriormente, a CPRM esteve no local algum tempo, para pesquisas. Em 1972 um casal de americanos do Summer Institute of Linguistics instalou-se na região, permanecendo, em média, seis meses por ano. Em 1976 tiveram de abandonar Molokopatá, após um trabalho de evangelização que redundou em certo fanatismo por parte do grupo de Sarapó. Em 1978 a FAB, outrora servindo de forma intermitente Moloko-patá, suspendeu por completo os vãos à região, e em outubro do mesmo ano, face ao total abandono em que viviam os waiãpi, a FUNAI fez-se enfim presente no local através de um P.I. suprido apenas com material de atendimento de urgência e contando, presentemente, com um único servente.

Conclusão:

A partir das referências apresentadas, podemos inferir que a região do alto rio Jari constitui-se em:

A - Imemorial área de ocupação Wayana e Aparai:

Comprovada por inúmeros relatos de cientistas e viajantes que durante tres séculos percorreram o alto e médio rio Jari, sempre indicando núcleos populacionais Wayana e Aparai.

Comprovada pelas várias aldeias e roçados Wayana ainda perceptíveis.

Comprovada pela toponímia local, em língua Wayana.

Comprovada pelos próprios índios Wayana, atualmente habitando os rios Paru de Leste e Citaré no Brasil; o rio Litani na Guiana Francesa e Tapanahony no Surinam.

Comprovada pelos atuais habitantes da região, índios Waiãpi estabelecidos em Moloko-patá (Molokopote).

B - Parte integrante do território dos índios Wayana e Aparai:

Comprovada pela imemorial ocupação da área; toponímia local, aldeias e roças.

Comprovada pelo reconhecimento indígena (Wayana, Aparai e Waiãpi) de que na região do alto rio Jari se desenvolvem importantes relações intertribais e endotribais, tanto de caráter social (casamentos, curas) como comercial (trocas).

Comprovada pelos inúmeros caminhos que, passando pelo alto rio Jari, possibilitam a manutenção das relações sociais e de parentesco que unem as comunidades Wayana do Brasil e da Guiana Francesa.

Comprovada pela aldeia Kopé, habitada por índios Aparai e situada na ilha Ipitinga, médio rio Jari.

C - Atual ocupação Waiãpi da área:

É inconstestável a atual ocupação Waiãpi do alto rio Jari, localizados em Moloko-patá (Molokopote). Contudo, reconhecem estarem em território Wayana, atestado pelos seguintes fatos:

A não utilização da região acima do rio Mapaoni.

A utilização de terminologia Wayana para a designação hidrográfica, sobretudo da região acima do Mapaoni.

A região Mapaoni-Cuc seria uma área de transição dos índios Wayana-Waiãpi, embora reconheçam que a área realmente Waiãpi principia no rio Cuc e de lá estende-se à leste.

Persistem intenções de volta ao rio Cuc e estas serão empreendidas se existirem um mínimo de apoio e assistência por parte do Orgão Tutelar.

Considerações finais:

Considerando o Estatuto do Índio,

- Capítulo I, artigo 17, parágrafo I,

segundo o qual as terras indígenas são "as terras ocupadas ou habitadas pelos selvícolas...";

- Capítulo II, artigo 25,

segundo o qual o reconhecimento do direito dos índios à posse permanente das terras "... independará de sua demarcação, e será assegurado pelo órgão federal de assistência aos selvícolas, atendendo à situação atual e ao consenso histórico sobre a antiguidade da ocupação ...";

- Capítulo III, artigo 28,

que versa sobre Parques Indígenas, em que estes são "... a área contida em terra na posse dos índios, cujo grau de integração permita assistência econômica, educacional e sani-

tária dos órgãos da União, em que se preservem as reservas de flora e fauna e as belezas naturais da região.

Considerando as referências apresentadas anteriormente a respeito da área do rio Jari, onde comprovou-se de forma insofismável a imemorial ocupação indígena desta área e a sua integração ao território dos índios Wayana e Aparai.

Considerando que presentemente a região é ocupada por índios Waiãpi, oriundos da bacia do rio Cuc.

Considerando a existência de uma comunidade de índios Aparai instalados no médio rio Jari.

Considerando a existência de proposta de preservação de refúgios florestais e de fauna na região do alto rio Jari, representada pela indicação por parte dos técnicos do RADAM (1975:357), da Reserva Biológica do rio Mapaoni, localizada entre os rios Ximim-Ximim e Mapaoni.

Considerando que de acordo com dados fornecidos pelo INCRA-Amapá referentes à Gleba Tumucumaque, localizada no município de Mazagão, Amapá, encontra-se a referida gleba inteiramente desprovida de títulos de domínio, podendo assim ser arrecadada para a União, e sendo por conseguinte terra devoluta.

Propomos a interdição de área no alto rio Jari, em contínuo com a área a ser demarcada para o Parque Indígena de Tumucumaque. Os limites em princípio seriam os seguintes: partindo-se do rio Ipitinga, seguindo-se pela coordenada 54º 00' até o rio Jari, deste até a confluência com o rio Mapaoni, seguindo-se por seu curso até a fronteira com a Guiana Francesa. Esta área permite a manutenção dos caminhos indígenas tradicionais que liga suas distanciadas comunidades; mantém o intercâmbio entre grupos tribais distintos (Wayana, Aparai e Waiãpi); possibilita a volta de grupos Wayana migrados para a Guiana Francesa e preserva uma área ecológica de grande importância.

Propomos que para a região do alto rio Jari sejam consideradas as legítimas reivindicações dos índios Waiãpi, que pleiteam a área situada entre os rio Mapaoni e Cuc, que lhes possibilitaria o regresso ao rio Cuc.

Propomos, de acordo com o estudo apresentado à FUNAI em 1979, intitulado "Referências sobre o Parque Indígena Tumucumaque", e que propõe a mudança dos limites do referido Parque, a criação de Grupo de Trabalho para dar continuidade aos estudos pertinentes. Dada a complexidade do assunto, estudos preliminares se fazem necessários, organizando-se na seguinte sequência:

1 - Area do alto rio Jari:

Estudos já realizados e apresentados no presente relatório.

2 - Area do médio rio Jari:

Esta é a etapa seguinte a ser empreendida para estudos urgentes que permitam averiguar e avaliar a atual situação da comunidade Aparai instalada na ilha Ipitinga, a qual padece de total falta de proteção e garantias na ocupação de suas terras.

3 - Area do rio Paru de Leste:

Levantamento demográfico e plotação em mapas das aldeias existentes nesta região.

Reuniões e entrevistas com os membros das diversas comunidades indígenas à respeito de reivindicações em relação ao uso e posse de suas terras.

4 - Area do igarapé Cuxaré:

Levantamento e avaliação da atual situação deste grupo Tiriyó.

Entrevistas com os membros desta comunidade à respeito de reivindicações em relação ao uso e posse de suas terras.

5 - Area do rio Paru de Oeste:

Levantamento demográfico e plotação em mapas das aldeias existentes nesta região.

Reuniões e entrevistas com os membros das diversas comunidades indígenas à respeito de reivindicações em relação ao uso e posse de suas terras.

São Paulo, 2 de agosto 1980

Lucia Hussak van Velthem
Museu Par. Emilio Goeldi

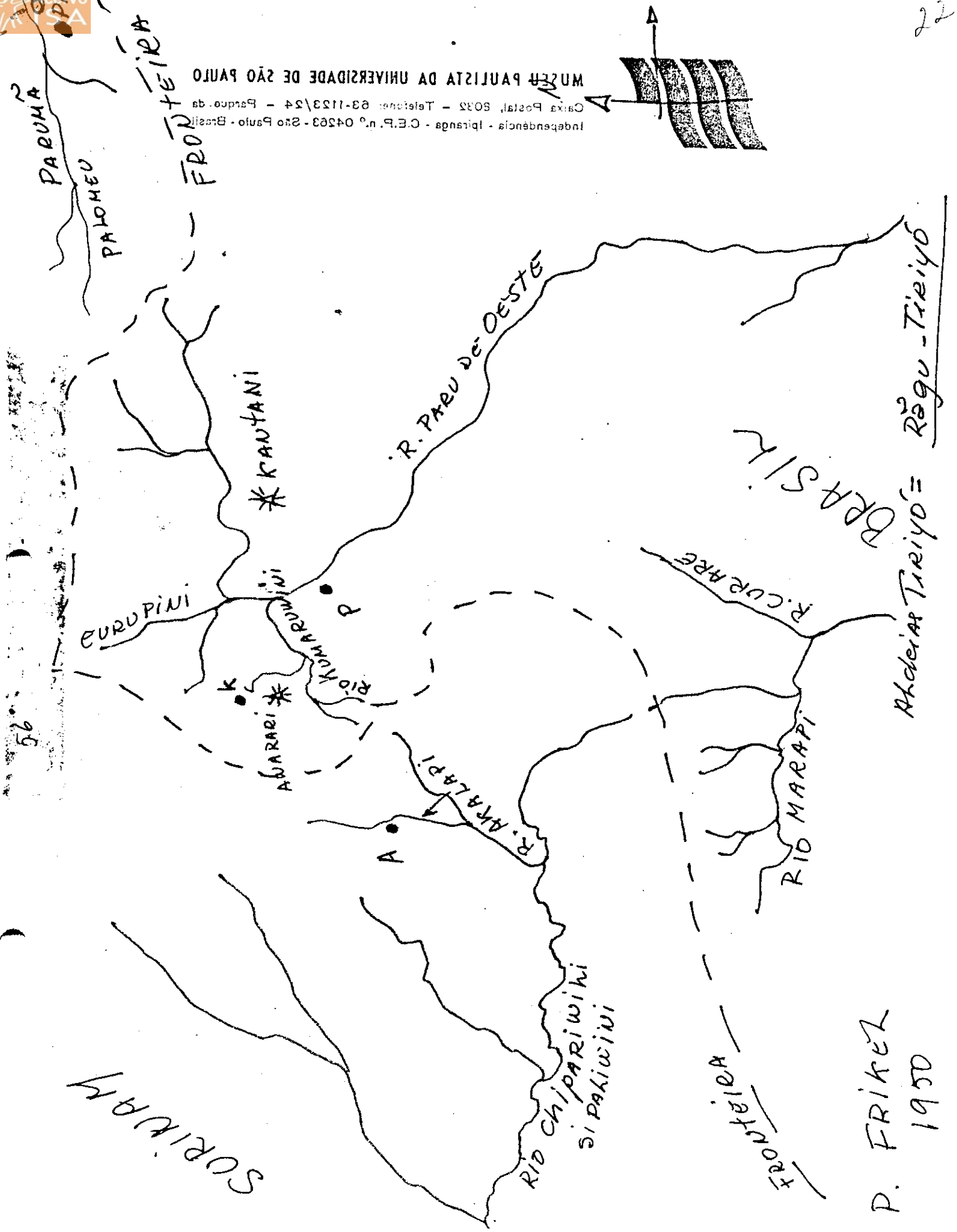
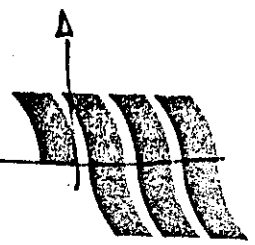
Notas referenciais

- 1) Schoepf, D. - 1972: 34; e para o histórico - 1972: 33-45.
- 2) Gallois, D. - 1979: 2.
- 3) Gallois, D. - 1979: 3.
- 4) Grenand, P.e F. - 1972: 169.
- 5) Kloos, P. - 1972: 471.
- 6) Gallois, D. - 1979: 4.
- 7) Cognat, A. - 1977: 214, 238-241.
- 8) Gallois, D. - 1979: 4.
- 9) Gallois, D. - 1979: 6.
- 10) Dados fornecidos por Sarapó.
- 11) Cognat, A - 1967: 192-207.
- 12) Gallois, D. - 1979: 6.
- 13) Gallois, D. - 1979:6-7.

Bibliografia citada:

- COGNAT, André
- 1967 "J'ai choisi d'être indien" - Flammarion, França.
- 1977 "Antecume ou une autre vie" - Robert Laffont, França
- GALLOIS, Dominique
- 1979 "Informações sobre a area indígena do alto rio Jari" - N/P. 12 pp.
- GRENAND, P. e F.
- 1972 "Différents traits d'acculturation observés chez les indiens Wayana et Oyampi des Guyane Française et brésilienne. In: De l'Ethnocide D/18 - França. pp 159-175.
- HURAUULT, Jean Marcel
- 1972 " Français et indiens en Guyane" - 10/18 - França. 438 p.
- KLOOS, Peter
- 1972 "Los indígenas del Surinam". In: The situation of the indians in South America, - Genebra. pp 464-475
- PROJETO RADAMBRASIL
- 1975 Levantamento de recursos naturais - Vol. 9 (Mapas de uso potencial da terra anexos) Rio de Janeiro.
- SCHOLEFF, Daniel
- 1972 "Historique et situation actuelle des Indiens Wayana-Aparai du Brésil - Bull. Annuel Mus. d'Ethnographie - Genève - Suisse - nº 15, pp 33-
- VEITHEM, Lucia H. van
- 1979 "Referências sobre o Parque Indígena do Tumucumaque". N/P. 28 p.

MUSEU PAULISTA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Caixa Postal, 5032 - Telefone: 83-1123/24 - Fone: 83-1123/24 - Fone: 83-1123/24
Independência - Ipiranga - C.E.P. n.º 04263 - São Paulo - Brasil



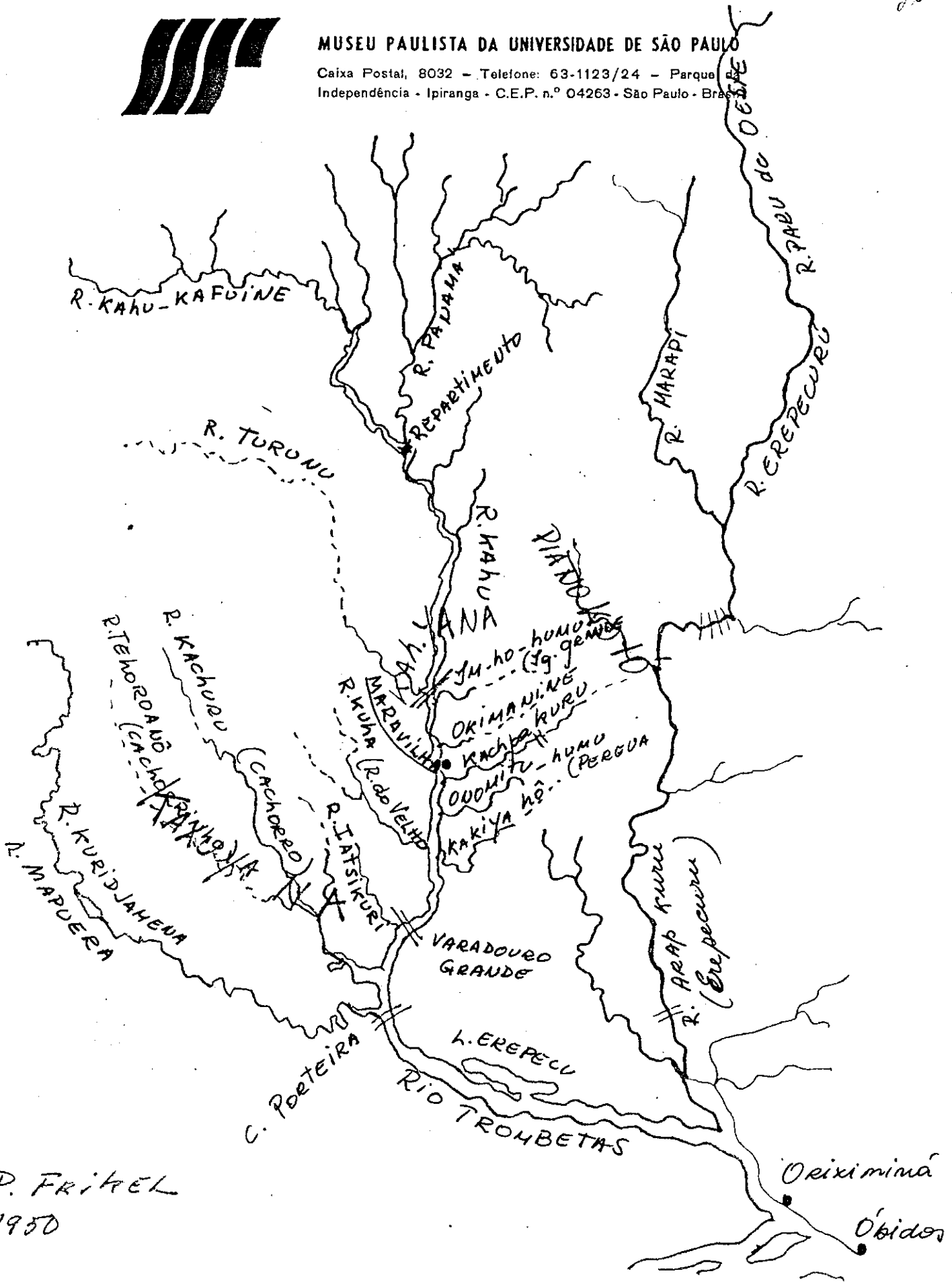
P. FRIKEL
1950





MUSEU PAULISTA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Caixa Postal, 8032 - Telefone: 63-1123/24 - Parque
Independência - Ipiranga - C.E.P. n.º 04263 - São Paulo - Brasil



P. FRIKEL
1950